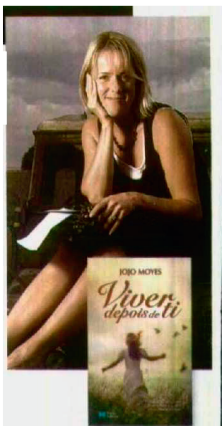


Por duas vezes distinguida pela Romantic Novelists Association com o Prémio Romantic Novel of The Year, a escritora britânica acaba de lançar *Viver Depois de Ti* (Porto Editora), uma história de amor improvável que, num crescendo de emoções, tem sido merecedora de elogios arrebatados.



A crítica que o *New York Times* faz do livro termina constatando que nenhuma das personagens principais é particularmente marcante mas, ainda assim, protagonizam um romance memorável. Será que os leitores valorizam, cada vez mais, a normalidade?

Não sei se isso será verdade. Creio que as pessoas procuram personagens em que se revejam. Parte do sucesso do livro vem daí.

Considera-se uma escritora romântica?

Não acho que escreva romances no sentido em que tantas vezes se usa a palavra. A verdade é que é muito raro que os meus livros sejam sobre o amor – podem ser sobre a qualidade da vida, arte, ecologia ou oceanos. Depois, há uma história a correr neles.

Qual é o ingrediente indispensável num romance inesquecível?

Tensão. As melhores histórias nascem da tensão entre o que queremos e o que podemos ter.

Quais são as suas referências literárias?

São muito diversas. Devoro tudo, de Stieg Larsson a Jilly Cooper, passando por Hilary Mantel. E adoro todos os livros de Kate Atkinson.

A literatura tem o poder de salvar vidas?

Sem dúvida. As histórias mais antigas surgiram pela necessidade de garantir que o melhor ainda estava para vir. Agora, lemos livros para nos compreendermos melhor ou para sentir que não estamos sós ou que somos capazes de feitos gloriosos.

Qual é, então, o poder dos seus livros?

Escrever *Viver Depois de Ti* mostrou-me o poder das palavras. Muitas pessoas disseram-me que, depois de o ler, sentiram que tinham de mudar as suas vidas ou passaram a lidar melhor com pessoas que conheciam e que tinham semelhanças com uma das personagens. Tem sido extraordinário.